

“NÃO APRENDI DIZER ADEUS”¹

*Rafael Haddock-Lobo**

Resumo

Este texto tem como objetivo apresentar uma homenagem ao pensamento de Jacques Derrida, tendo por ocasião os dez anos de sua morte. Nesse sentindo, partindo da concepção de “adeus”, a qual ele retira de Emmanuel Lévinas e a ele retorna na ocasião de sua morte, pretendemos rastrear alguns momentos da vasta obra derridiana na qual ele trata da relação com a absoluta ausência do outro e do tremor frente a este absurdo. E, ao mesmo tempo, retrata meu momento de reflexão sobre este absurdo com o qual me confrontava naquele momento.

Palavras-chave: Adeus. Fim do mundo. Interrupção. Morte. Sobrevida.

Résumé

Ce texte vise à présenter un hommage à la pensée de Jacques Derrida, à l’occasion des dix ans de sa mort. En ce sens, à partir de la notion d’”adieu”, dont il prend d’Emmanuel Levinas et à lui retourne au moment de sa mort, nous voulons pour tracer certains moments de la grand œuvre de Derrida dans laquelle il traite de la relation avec l’absence absolue de l’autre et du tremblements face à cette absurdité. Dans le même temps, ce texte dépeint mon moment de réflexion sur cette absurdité avec laquelle m’a confronté à cette époque.

* Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – RJ). Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordenador do Laboratório KHORA de Filosofias da Alteridade. *E-mail:* rafael@ifcs.ufjf.br

¹ Estas palavras que se seguem são obviamente dedicadas à minha mãe, falecida em 23 de junho de 2014, ano de apresentação deste trabalho. A ela que se, em vida, sempre respaldou o respeito à singularidade do outro, com sua morte, com a antecipação abrupta do fim do meu mundo, me fez ver que, de fato, eu estava certo em tudo aquilo que escrevi, ao longo de meu percurso, sobre a morte do outro; me fez sentir na pele o que significa o adeus, a infinita responsabilidade para com aquele que não mais responde. Portanto, para Christina, para sempre, e a cada vez única.

Mots-clés: Adieu. Fin du monde. Interruption. Mort. Survie.

Breve nota introdutória

O texto aqui publicado reproduz, quase em sua íntegra, e por razões conceituais que rigorosamente o texto exige, o momento no qual ele foi lido. Por se tratar de uma dupla homenagem, que, em um mesmo golpe, pretende homenagear o filósofo com o qual mais me identifiquei ao longo de meu percurso acadêmico, falecido há dez anos naquela data, e a pessoa que nem teria palavras para expressar meu amor, falecida há poucos meses e da mesma e terrível doença que também levara Jacques Derrida, seria uma traição àquele momento desrespeitar a lei segundo a qual ele foi escrito: seu ritmo, seu endereçamento e as lágrimas que deram seu tom tanto na escrita como na leitura na apresentação deste texto no evento em homenagem a Derrida.

*

“Não aprendi dizer adeus, não sei se vou me acostumar”, que é tanto o título como a epígrafe deste texto, é uma citação, e por isso as aspas: são os dois primeiros versos de uma famosa canção popular brasileira. Composta por Joel Marques e imortalizada nas vozes da dupla Leandro e Leonardo, a simples canção sertaneja aparentemente não deveria servir de título para uma fala em um colóquio filosófico. Contudo, na contracorrente de uma postura pseudo-elitista, mas na verdade hipercolonizada, predominante em nossa academia, que parece tentar varrer para debaixo do tapete ou esconder dentro do armário nossas raízes, nossa cultura e a mestiçagem que nos compõem como isto que, de modo largo e não-identitário, entre muitas aspas, poderíamos ousar chamar de “brasilidade”, eu acredito que certos pontos recorrentes no imaginário popular expressam uma identificação maior com uma quase-universalidade, ou seja, com questões fundamentais ao pensamento. No caso da canção sertaneja em questão, que intitula esse trabalho e que me motivou a repensar um certo trajeto filosófico meu, temos dois aspectos fundamentais para se pensar a relação com a alteridade: o ato de dar adeus e sua relação com o aprender, ou melhor, com aquilo que não se aprende.

Permitindo-me uma breve autoanamnese pública, eu poderia ser tentado a afirmar que, desde meu ingresso na carreira de filósofo, ou seja,

desde que iniciei minhas pesquisas de mestrado no ano de 2001², a questão da morte do outro, a inesgotabilidade de uma ética que tal falta inaugura, e o problema da sobrevivida como tarefa daqueles que resistem e insistem em permanecer vivos têm me assombrado de tal maneira, como que caindo sobre a minha cabeça, já que tais temas eu nunca os procurei diretamente, como se estivessem me preparando para ter um mínimo de elementos para conseguir sobreviver aos tempos que passei neste ano de 2014, vendo, de modo diário e intenso, os últimos momentos de vida de minha mãe, acompanhando-a em sua tentativa de “aprender a morrer” (e minha tentativa, conseqüentemente, de “aprender a dizer adeus”), “tomando lição” daquela que, com toda sua segurança, não sabia: não sabia como morrer, porque isso não se sabe. Mas, de certa maneira, os dois, eu e ela, aprendendo muito com isso que não se sabe.

Nesse sentido, meus amigos, peço desculpas aos presentes, sobretudo aos queridos amigos que me trouxeram aqui: a Alexandre Guimarães (a quem tenho um carinho gratuito, dadas as não muitas vezes em que nos encontramos, mas que expressa em seus olhos a mais profunda gentileza), e Georgia Amitrano (amiga de nem se sabe quantos anos e que tanto conhece todo o meu percurso acadêmico); e, ainda que de modo espectral, a Fernanda Bernardo, minha professora, mestra, também e talvez sobretudo nisso que não se ensina – o pensamento do outro que demanda um outro pensamento – e a quem, não obstante sua infinita amizade que sempre me demonstrou, com sua inteligência e brilhantismo, deixa-me sempre com a sensação de um engatinhamento filosófico e com um pudor absurdo de ter a coragem de falar “diante” dela sobre o que com ela aprendi³. Desculpo-me, também, com todos os presentes pelo caráter pessoal e interessado desse texto, que não trata senão apenas de uma auto-re-visitação de tudo aquilo que escrevi sobre o adeus, só que agora com lágrimas nos olhos, como nunca tive antes, com uma experimentação da mortalidade e da decadência física como nunca pensei que viveria em um tão curto espaço de tempo. E, para isso, sirvo-me também como inspiração de textos, estes sim, sobre os quais eu nunca havia

² A dissertação, intitulada *Da existência ao infinito: a redução ética no pensamento de Emmanuel Lévinas*, foi orientada pelo Prof. Dr. Paulo Cesar Duque-Estrada na PUC – Rio e defendida em fevereiro de 2003.

³ As aspas se devem à participação virtual da professora Fernanda Bernardo, com quem tive a honra de dividir a mesa de encerramento do evento em homenagem a Jacques Derrida.

escrito: textos de Derrida lançados pouco antes de sua morte e nos quais ele vivenciava a experiência de tal mortalidade e decadência física por sua própria conta, sentindo na pele o que seria esse não aprender a dizer adeus, sobretudo, e também quando se trata de um adeus a si próprio.

*

Para encerrar esta longa introdução de cunho autobiográfico, queria apenas lembrar de alguns momentos em que tratei desse tema e que me inspiram a relê-los hoje. Em 2001, assim que ingressei no mestrado, meu então orientador formava o primeiro núcleo de estudos em desconstrução aqui em nosso país⁴ e me encomendou um texto para uma publicação coletiva, e naquele momento sentia-me apenas seguro para escrever sobre o texto “Adeus a Emmanuel Lévinas”, de Derrida. O texto foi publicado em 2002⁵, quando uma querida aluna acabara de morrer, e foi a ela dedicado, servindo de estímulo para que, em minha dissertação de mestrado, eu me debruçasse mais sobre essa questão, percorrendo as influências de Lévinas nesse debate em torno da morte do outro e em sua crítica ao ser-para-a-morte heideggeriano. Quando escrevia isso que seria um capítulo de minha dissertação, ainda em 2002, a morte de uma tia querida interrompeu a escrita, que foi suspensa até o prazo quase se encerrar. Contudo, no final do ano, às vésperas de entregar a dissertação e ao retomar a escrita do capítulo que faltava, e que me parecera mórbido demais àquela altura, a notícia da morte de meu pai me chegava em um momento em que não podia mais deixar de escrever, e foi deveras traumática, apesar de relação conturbada e distante que vínhamos tendo. Tais rastros, que parecem mais cicatrizes, estão presentes na construção de minha dissertação que, lançada em livro em 2006⁶, é dedicada “àqueles a quem disse adeus”.

⁴ O Núcleo de Estudos em Ética e Desconstrução, coordenado por Paulo Cesar Duque-Estrada, com três publicações coletivas em torno da obra de Derrida, encerrou seus trabalhos em 2014.

⁵ “O adeus da desconstrução: alteridade, rastro e acolhimento”, publicado em DUQUE-ESTRADA, P. C. (Org.). *As margens: a propósito de Derrida*. Rio de Janeiro; EdPUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

⁶ LOBO, R. H. *Da existência ao infinito: ensaios sobre Emmanuel Lévinas*. Rio de Janeiro: EdPUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006.

Acreditando que minha “lição” tivesse terminado aí, pelo menos no que dizia respeito a como Emmanuel Lévinas aborda tal questão, os anos de doutorado pareceriam mais tranquilos, não fosse a notícia da terrível doença que assolava Jacques Derrida e a força de vê-lo aqui no Brasil, em 2004⁷, visivelmente doente, não obstante infatigável em sua inteligência, dando aquela que seria sua última palestra. Momento este que, inclusive, me permitiu a felicidade de travar contato com a professora Fernanda Bernardo, que viria a ser uma pessoa fundamental para que eu não desistisse de meu percurso em face às investidas acadêmicas contra o pensamento de Derrida. A morte de Derrida, em outubro de 2004, me levou então, a ler com outros olhos “Espectros de Marx”, mas agora atentando à pujança de pensamento que um filósofo pode ter diante desse adeus de si, e me ajudaram a produzir um pequeno artigo para uma edição em homenagem a Derrida do *German Law Journal*, intitulado “Sobrevivência como herança”⁸. E, depois disso, eu apenas retomaria o tema quando passados mais de cinco anos, no momento em que a morte de uma querida amiga, também súbita e assustadora e dessa mesma e terrível doença, me levou a dar um seminário sobre o adeus, já como professor do Departamento de Filosofia da UFRJ, em 2010.

É óbvio então que tal insistência temática me ajudou a acumular certa *expertise* sobre o tema, isso é um fato inquestionável, posto que tanto me dediquei a pensá-lo, mas a questão que me coloquei ao longo desse ano de 2014 foi: em que medida se é possível ser um mestre no adeus, quando, como foi o que aconteceu esse ano, minha mãe descobre em março um câncer no pâncreas (aliás, o mesmo câncer que matou Derrida há dez anos), e em pouco mais de três meses, vem a falecer, “consciente, lúcida e ciente”, como diria Estamira, querendo saber de tudo sobre sua doença, sobretudo da forma como iria morrer, tomando decisões importantes sobre sua morte, despedindo-se de quem queria e tendo em mim a figura amiga daquele que a acompanhava no aterrorizante hospital para doentes de câncer, o que incluiu também a louca tarefa do mensageiro de más notícias, aquele, por exemplo,

⁷ O Colóquio “Pensar a desconstrução” foi organizado pelo professor Evando Nascimento da UFJF e teve lugar na Maison de France do Rio de Janeiro entre os dias 16 e 18 de agosto de 2004.

⁸ LOBO, R. H. Survival as heritage. *German Law Journal*, n. 6, p. 47-51. 2004. Disponível em: <http://www.germanlawjournal.com/index.php?pageID=11&artID=536>. Acesso em: 10 Jan. 2015.

que teve que dizer a ela que ela estava morrendo, mas, sobretudo, a situação me fez um interlocutor em torno das questões do como não se sabe morrer, do como nunca se está preparado para tal.

E ela se foi, há quase três meses, me deixando, *sem saber*, com toda a duplicidade dessa frase, a tarefa de repensar o adeus, de voltar a Derrida, às suas mortes, ao seu não-saber-morrer – aqui, dez anos após a morte de Derrida e no ano da morte de minha mãe.

*

Quando olhei nos olhos de minha mãe e tive de dar a notícia de que restavam a ela poucos dias e que, daquele momento em diante, ela não poderia nem mais se alimentar, como que explicando que seu corpo iria lentamente usando a reserva de energia que lhe restava até que então ele se apagasse, ela olhou nos meus olhos, segurando minha mão, e disse: “eu *acho* que vou sentir muitas saudades”. A sua tristeza era tamanha e, contudo, ela não tinha a dimensão de que este “eu acho” marcava uma sabedoria absurda, dela que nunca fora pensadora e que se dizia burra demais, que achava que não sabia pensar e que legava a mim qualquer espécie de especulação, dizendo-me sempre “fala comigo, me diz o que você pensa”, “pensa um pouco e depois me liga”. Mas a sua frase hipercética expressava a sabedoria de que, diante da morte, não há cogito, há o incogitável achar, a pura especulação de que, diante disso, nada se sabe. Eu não tenho o menor problema em assumir aqui diante de todos que apenas nesse momento tudo o que li de Derrida (e de seus fantasmas, Lévinas, Blanchot, Kierkegaard...), só nesse momento, me pareceu real e fez um sentido absurdo, no meio desse turbilhão de não-sentido. Eu também não sabia nada, não tinha o que dizer, senão tentar aprender com essa marca de uma ausência absoluta por vir, na certeza de que o mundo iria acabar; o medo do processo da morte, da degradação física, mas a consciência do cuidado queurgia: uma companhia no não-saber que me fez tremer e admirá-la até o último instante – e que me fez, pela primeira vez, saber na pele o que é escrever com lágrimas nos olhos, me fez ver o que é uma efetiva homenagem: um adeus digno desse nome. O que posso dizer é que naquele dia, ao sair do hospital, tendo sido obrigado a deixá-la sozinha com a notícia terrificante que acabara de receber, a música de Joel Marques me tomou: “Não aprendi dizer adeus / não sei

se vou me acostumar / olhando assim nos olhos seus / sei que vai ficar nos meus / a marca desse olhar”.

*

“Prefiram sempre a vida e afirmem sem cessar a sobrevida”: estas foram as últimas palavras de Derrida endereçadas à sua família e lidas por seu filho Pierre durante seu velório⁹. Segundo Michel Lisse, em uma palestra dada na Maison de France do Rio de Janeiro em uma homenagem de um ano da morte do filósofo franco-magrebino¹⁰, mais do que uma citação, o imperativo “preferir sempre a vida” é uma autocitação, já que ecoa temas

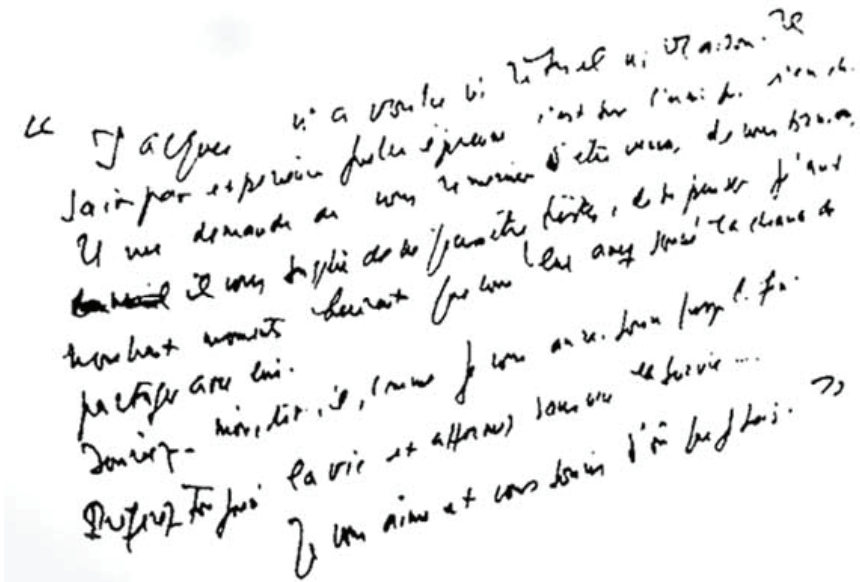
⁹ Reproduzimos aqui o bilhete escrito por Derrida para ser lido por seu filho em seu sepultamento, que diz o seguinte:

“Jacques n’a voulu ni rituel ni oraison. Il sait par expérience quelle épreuve c’est pour l’ami qui s’en charge. Il me demande de vous remercier d’être venus, de vous bénir, il vous supplie de ne pas être tristes, de ne penser qu’aux nombreux moments heureux que vous lui avez donné la chance de partager avec lui.

Souriez-moi, dit-il, comme je vous aurai souri jusqu’à la fin.

“Préférez toujours la vie et affirmez sans cesse la survie...”

Je vous aime et vous souris d’où que je sois.”



¹⁰ Conferência em homenagem a Derrida, realizada em: 11 out. 2005.

que apareceram antes em *Chaque fois unique – la fin du monde*, Beliers e em sua bela e última entrevista, concedida a Jean Birnbaum e publicada no *Le Monde*, em 12 de outubro de 2004, intitulada “Je suis en guerre contre moi-même”, e publicada em português sob o título *Aprender finalmente a viver*. Assim, tal indicação que prefere apostar na vida, mais do que isso, na verdade, aponta para um quase-conceito fundamental na obra derridiana, qual seja, a *sobrevida* – noção esta que traz consigo os traços mais marcantes desta peculiar ética que o adeus inaugura.

Tendo sido o filósofo que, ao longo de sua vida, mais soube declarar suas reverências no momento de luto, que soube, com isso, sublinhar o valor da noção de herança e, com isso, não ensinar conceitualmente o que significa dar adeus, mas a, em ato, *experimental* o adeus, eu me arriscaria a dizer que, há pouco mais de dez anos atrás, nunca se experienciou tão seriamente as palavras do filósofo que iniciam seu célebre texto “Os fins do homem” como no referido e inesquecível colóquio realizado no Rio de Janeiro, entre 16 e 18 de agosto de 2004. O colóquio “Pensar a desconstrução: questões de política, ética e estética”, que teve como abertura a palestra proferida por Derrida e intitulada “O perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?”, parece ecoar incessantemente, e até hoje em minha memória, a frase do filósofo que, muito antes, em suas *Margens da filosofia*, disse que “todo e qualquer colóquio de filosofia tem necessariamente uma significação política” (DERRIDA, 1991b, p. 149). Entretanto, se antes, em maio de 68, o filósofo já anunciava a necessária significação política dos congressos filosóficos, qual extensão teria um evento como aquele de 2004, no qual as últimas palavras de um filósofo foram ditas? Ou, nos termos do próprio Derrida, como sobreviventes, em que isso nos endividaria e em que medida as noções de resposta, responsabilidade e herança ganhariam maior peso diante de um acontecimento como aquele?

Não tão surpreendente, não obstante a solidão com a qual Derrida teve de conviver em vida e o isolamento acadêmico do qual padecera ao longo de todo seu percurso intelectual, a avalanche de comentários *post mortis* pareceu atestar o tardio reconhecimento, conquanto sincero ou não, do tamanho impacto desta vasta obra que se reuniu em torno do nome “desconstrução”. E isso a ponto de Jürgen Habermas, que sempre rejeitou seu pensamento derridiano, profundo crítico de Derrida (embora o filósofo argelino tenha objetado que, de fato, Habermas nunca tenha sequer lido nenhum de seus livros), o filósofo alemão, em entrevista ao caderno “Mais” da Folha de São

Paulo, que homenageou Derrida logo após sua morte, ter dito que: “Derrida praticamente não teve equivalente (...) para forjar o espírito de toda uma geração” e que

sob seu olhar inflexível, todo contexto se desfaz em fragmentos; o solo que acreditávamos estável se torna movediço, o que supúnhamos completo revela seu fundo duplo. [...] o mundo em que acreditávamos estar em casa se torna inabitável. Não somos deste mundo: nele somos estrangeiros entre estrangeiros¹¹.

Não obstante, ainda que acredite que nunca é tarde para um verdadeiro gesto de reconhecimento, e lendo com boa fé as palavras de Herr Habermas, posto que elas tocam em pontos centrais da obra de Derrida, devemos guardar sempre em mente que depois das críticas à desconstrução presentes em *O discurso filosófico da modernidade*¹², Habermas torna-se um interlocutor privilegiadamente presente nos escritos de Derrida, como podemos ver, por exemplo, em *Força de lei*, quando Derrida responde diretamente às objeções do livro de Habermas¹³, em *Limited inc*, em uma nota de rodapé na qual Derrida se mostra bem duro com o descuido do filósofo alemão para com

¹¹ HABERMAS, Jurgen. A presença de Derrida. Publicado no Caderno Mais!, do jornal Folha de São Paulo, 18/10/2004. trad. de Luiz Roberto Mendes Gonçalves. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/idea/index.php?module=Artigos&func=display&pageid=11>>.

¹² HABERMAS, J. *Discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes: 2002, p. 227-296.

¹³ Quando Derrida apresenta o tema central da primeira parte de *Força de lei*, intitulada “Do direiro à justiça”, ou seja, quando fala do tema do colóquio no qual a conferência foi proferida, “A desconstrução e a possibilidade da justiça”, quando tematiza a conjunção que associa os termos do título do colóquio, Derrida ironiza: “Um orador mal-humorado diria: não vejo a relação, nenhuma retórica pode prestar-se a tal exercício (...). Tal orador não estaria apenas de mau humor, estaria de má-fé. E estaria até mesmo sendo injusto (DERRIDA, 2007, p. 3-4). E, mais à frente, responde pontualmente a críticas de estilo habermasiano: “Não é preciso dizer que discursos sobre a dupla afirmação, o dom para além da troca e da distribuição, o indecível, o incomensurável ou o incalculável, sobre a singularidade, a diferença e a heterogeneidade são também, de ponta a ponta, discursos pelo menos oblíquos sobre a justiça. É aliás, normal, previsível, desejável, que pesquisas de estilo desconstrutivo desemboquem numa problemática do direito, da lei, e da justiça. Seria mesmo seu lugar mais próprio, se algo como tal existisse” (DERRIDA, 2007, p. 12).

sua obra¹⁴, e, de modo não tão explícito, em *O monolingüismo do outro*, no qual o interlocutor reticente nos bem faz lembrar as posições do filósofo alemão¹⁵, e assim por diante – e isso tudo sem levar a sério a hipótese de que a entrada em cena de Derrida no campo da política e o aparecimento constante das referências a Kant nos fazem pensar que o livro de Habermas certamente fizera com que Derrida alargasse seu campo de discussões e propusesse outras leituras para o que antes parecia privilégio de herdeiros de certa leitura kantiana. E valeria também aqui lembrar, ainda que rapidamente, que, em coletiva à imprensa em sua estada para o colóquio no Rio, quando perguntado sobre sua recente co-assinatura em um artigo de jornal ao lado de Habermas e sobre o livro de Giovanna Borradori, que reunia os dois filósofos no debate em torno do 11 de setembro¹⁶, Derrida respondeu de modo enfático que apesar de Habermas e ele poderem se posicionar de modo momentâneo e político como aliados, no que dizia respeito ao campo da filosofia, ele era seu inimigo. Sim, *inimigo* foi o termo usado por Derrida, o que, com óbvia inspiração no léxico de Carl Schmitt, mostra bem a relação de absoluta não-conciliação entre os dois pensamentos.

Mas, como eu dizia antes do parêntese schmittiano, apesar de ter naquele momento acreditado no cabimento desse reconhecimento tardio, me indago sobre se seria essa a tarefa que Derrida nos teria legado. Isso porque é preciso que se tenha em mente o constante lugar da mesura nos textos de Derrida – o

¹⁴ Refiro-me à nota 9 do posfácio 9 (Em direção a uma ética da discussão), na qual Derrida responde, aqui mais pontualmente, às críticas da obra de Habermas de 1988, acusando o filósofo alemão de simplesmente não ter lido suas obras: “O exemplo mais maciço e recente da confusão que consiste em me atribuir confusões onde pura e simplesmente não leram, tomarei em Habermas ... *não sou citado uma única vez* (no segundo dos dois capítulos que no seu último livro me são consagrados’), ... nenhum de meus textos é sequer indicado em nota num capítulo de 30 páginas que pretende ser na longa crítica a meu trabalho (DERRIDA, 2001a, p. 181).

¹⁵ Quando, interpelado pelo interlocutor de eco habermasiano sobre as contradições pragmática e performativa de seu trabalho, o interlocutor-autor da tese do monolingüismo do outro responde: “Pára. Não nos repita essa [objeção], por favor. A quem é que se dirige muitas vezes a reprovação de “contradição performativa”, hoje, sem perder tempo; (...) Alguns teóricos alemães e anglo-americanos acreditaram encontrar nisso uma estratégia imparável; fazem mesmo uma especialidade desta arma pueril. (...) Esta panóplia infantil não comporta senão um único e pobre dispositivo polêmico (DERRIDA, 2001, p. 15-17).

¹⁶ BORRADORI, G. *Filosofia em tempos de terror: diálogos com Habermas e Derrida*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2004.

que me parece exemplar em *Adeus a Emmanuel Lévinas*, uma das mais belas obras da literatura filosófica. O momento de despedida, em que se constata que o outro não mais se encontra presente, é necessariamente um momento de irremediável cortesia, de atestação plena da absoluta dissimetria que rege a relação entre eu e outro; mas é, também e, sobretudo, o momento em que herdo um segredo, impronunciável, como aquele que, sem palavras, vivenciei com os olhos em seu mais próprio elemento, nublados pelas lágrimas, ao ouvir as palavras mestras de minha mãe – pois aí, nesse instante indizível, em que a falta se faz mais marcada do que nunca (pois bem se sabe que a relação com o outro é desde sempre obsidiada pela não presença), eu me torno responsável por este outro que não mais responde. Um pacto, portanto, mas um pacto para além do cálculo, este que se tolda com a propriedade mais própria do olhar, que é, também de modo secreto, sublinhado por um certo registro de ingratidão. *Ingratidão* não no sentido moral, mas de acordo com a ética que rege a economia da dissimetria absoluta do outro, segundo o qual eu devo assumir sua palavra e dar a ela prosseguimento, pôr em obra a obra – gesto este que nunca pode se restringir à mera repetição, na qual, analiticamente, ao contrário de permitir que a obra aconteça em seu próprio movimento de alteridade, eu apenas a enclausuro, de modo violento e nada reverente, na ordem do mesmo. Se, para Lévinas, o sentido da obra é o outro, para Derrida, seu sentido é outro; do Todo-Outro a algo totalmente outro, que é todo e qualquer outro, sua direção não deve seguir a direção do outro (ainda humano em Lévinas), mas, muito além disso, disseminando-se, deve dirigir-se a toda e qualquer alteridade, humana ou não, presente ou ausente, viva ou morta, passada, presente ou futura.

Portanto, em um primeiro momento, coube perfeitamente a chuva de medidas e reconhecimentos póstumos, a fim de responder a um apelo da mídia. Todavia, segundo a lei da cortesia, é preciso mais. Se só se desconstrói o que se ama, e se a desconstrução trata de pôr em obra a alteridade da obra, herdando e apropriando-se dela, a tarefa de uma simples leitura deve se tornar um movimento que implica acompanhar e rastrear, mas também atravessar, torcer, desviar e ir além do texto lido, como bem mostra o texto dedicado a Lévinas, no qual, apesar das palavras nuas e desarmadas devido às lágrimas nos olhos, Derrida põe em obra a obra levinasiana, herdando sua tarefa de

adeus e prosseguindo o gesto levinasiano para além do próprio Lévinas¹⁷.

*

Outro texto em que Derrida trata primorosamente do tema de herança é *Espectros de Marx*, que, em seu exórdio, ressoa a frase “eu queria aprender a viver enfim” (DERRIDA, 1994, p. 9). Nestas poucas e lindas páginas, a tematização da relação entre vida e morte constrói-se em torno do problema da herança dessa fantasmática relação: só se aprende a viver (o que significaria *necessariamente* aprender a morrer) com os fantasmas – assim, aprende-se a viver de outro modo e melhor, de modo mais justo, pois a sentença afirma que este “estar-com” os fantasmas (que nada mais são do que a *alteridade radical*, outros que outros) não se restringe ao ser-com da socialidade, pois inaugura uma política da memória, da herança e das gerações. Segundo Derrida, “gerações de fantasmas”, que, justamente, rompem com a temporalidade e com qualquer possibilidade de metafísica da presença, pois estes outros não estão nunca presentes, presentemente vivos ou presentes no presente vivo da palavra, no aqui e no agora. Por isso,

é preciso falar *do* fantasma, até mesmo *ao* fantasma e *com* ele, uma vez que nenhuma ética, nenhuma política, revolucionária ou não, parece possível, pensável e *justa* sem reconhecer em seu princípio o respeito por esses outros que não estão mais ou por esses outros que não estão aí, *presentemente vivos*, quer já estejam mortos, quer ainda não tenham nascido (DERRIDA, 1994, p. 11).

¹⁷ “Há muito tempo, há tanto tempo, eu temia ter de dizer *Adeus* a Emmanuel Lévinas. Sabia que minha voz tremeria no momento de fazê-lo, e sobretudo de fazê-lo em voz alta, aqui, diante dele, tão perto dele, pronunciando esta palavra de adeus, esta palavra ‘a Deus’ que de uma certa maneira, recebi dele, esta palavra que ele me ensinou a pensar ou a pronunciar de outra forma. Ao meditar sobre o que Emmanuel Lévinas escreveu sobre a palavra francesa ‘adeus’, e que evocarei dentro de um instante, espero encontrar uma forma de encorajamento para poder tomar a palavra aqui. Gostaria de fazê-lo com palavras nuas, tão infantis e inermes quanto minha dor. (...) As lágrimas na voz mostram uma certa intimidade com o outro que guarda silêncio, elas o interpelam sem desvios ou mediação, elas o apostrofam, elas o saúdam também ou se confiam a ele” (DERRIDA, 2004, p. 15-16).

Desse modo, como na fantasmagórica revelação de Hamlet, “*enter the ghost, exit the gost, re-enter the ghost*” (DERRIDA, 1994, p. 13), nós recebemos desse outro, outro um segredo e uma tarefa de fazer justiça a essa fantasmagoria mesma que rompe com a temporalidade e com o ideal de presença a fim de que nos lancemos no “responder-por” da responsabilidade para com todo e qualquer outro, vivo, morto, inanimado ou imortal, humano ou não-humano, passado, presente ou futuro. Tarefa, portanto, que faz ver o elemento próprio do pensamento: deixar falar, pelas brechas estruturais da própria escritura, a imensidão de fantasmas, assumidos ou não, anunciados ou recalcados, que o próprio texto, em seu assombro, não consegue evitar amalgamar na construção de si como *constructo*. E é esse “fazer justiça” que conduz a vida para além da vida presente, não em direção a uma morte, mas em direção a uma *sobrevida*, ou seja, um rastro “com relação ao qual vida e morte seriam somente rastros e rastros de rastros” (DERRIDA, 1994, p. 12) – eis uma possível definição para *espectro*: essa multidão de fantasmas, rastros de rastros, que, em sua estranha economia, configura-se como sempre mais de um, pois o assombramento se dá sempre por uma legião de fantasmas que impedem a lógica de um único pai; mas, ao mesmo tempo, é sempre menos que um, pois em sua multiplicidade dispersa, não configurará nunca uma totalidade una, um círculo, um fim¹⁸.

Mas não poderíamos pensar que esse motivo filosófico teria sido o de Derrida desde seus primeiros escritos, na década de sessenta? Tomemos, por exemplo, quando, em *Gramatologia*, o quase-conceito “rastro” é apresentado como sendo não apenas a desapareição da ideia de origem, mas uma noção que, em seu próprio emergir, destrói a si mesmo, pois na medida em que o rastro não é ausência nem presença, não sendo nunca origem, ele é, ao mesmo tempo, origem da origem, já que a própria ideia de origem passa a originar-se por uma não origem. Ou seja, nas palavras de Derrida: “se tudo começa pelo rastro, acima de tudo não há rastro originário” (DERRIDA, 1999, p. 75). Lançando mão do rastro, Derrida buscava já resguardar um lugar de destaque para a alteridade radical e, com isso, abria espaço para uma nova concepção de experiência. Se o conceito de experiência permanecesse tal como nos fora legado pela tradição, designando sempre “relação a uma

¹⁸ “Espíritos. *É preciso* contar com eles. Não se pode não dever, não se pode não contar com eles, que são mais de um: *o mais de um*” (DERRIDA, 1994, p. 13).

presença”, nunca se poderia pensar em uma “experiência” do rastro ou do espectro enquanto tal, ou seja, a experiência pensada à sombra desses outros outros que Derrida nos indica como a mais verdadeira alteridade¹⁹.

Um pensamento sem cálculo, e para além deste, se aproximaria, assim, de uma concepção absolutamente trágica, na qual, ainda assim, há algo a se fazer, não se fechando de modo algum em uma espécie de niilismo²⁰. Essa nova experiência de pensamento que Derrida parece abrir e que nos lega como herança, essa convivência com os fantasmas e a tarefa de sobrevivente de ser responsável por todo e qualquer outro (pessoas, discursos, animais e o que quer que possa ser pensado, e talvez e, sobretudo, até mesmo para além do pensável), é o mote que não parece tanto ter se desviado ao longo do percurso de pensamento de Derrida, do rastro ao espectro e mais além...

*

Sim, eu também gostaria de aprender a viver, mas o que Derrida nos mostra é que aprender a viver é aprender a morrer, e por isso mesmo está para além e aquém da ordem da mestria, pois, se houver alguma lição a ser aprendida, essa somente é ensinada *por* e *com* os fantasmas. Aprende-se, assim, tão-somente que não há vida, a vida mesma, a plena presença do ente vivo vivendo em si e para si, mas, com isso também, que nossa vida é um rastro de rastros entre muitos rastros de rastros. E é nesse sentido que, em sua última entrevista publicada no *Le Monde*, diz Derrida: “não, nunca aprendi a viver. De modo nenhum! Aprender a viver, isso deveria significar aprender a morrer, a levar em conta, para aceitá-la, a mortalidade absoluta” (DERRIDA, 2005, p. 24). Sim, eu gostaria de aprender a viver, acreditando que aprender a viver seria, num mesmo golpe, aprender a dizer adeus. Aprender assim o que não se aprende, pois é, certamente, de uma outra ordem que não a do conhecimento, e que diz respeito muito mais a essa outra experiência *entre* vida e morte, mas ao mesmo tempo *nem* vida *nem* morte, à qual nos lançam rastros e espectros.

¹⁹ “Quanto ao conceito de experiência, ele é aqui bastante embaraçoso. Com todas as noções de que aqui nos servimos, ele pertence à história da metafísica e nós só poderemos utilizá-lo sob rasura. ‘experiência’ sempre designou a relação a uma presença, tenha ou não esta relação a forma da consciência” (DERRIDA, 1999, p. 72).

²⁰ Como se verá na conclusão desse texto, quando Derrida, na referida entrevista ao *Le Monde* defende a afirmatividade da desconstrução, mesmo, e, sobretudo, diante da morte.

Estamos quase sempre associados a pensadores mortos e, por isso, mais vivos do que nunca, mais urgentes a serem pensados do que nunca, e, há dez anos, para nós que tivemos o privilégio de estudar um filósofo vivo, mas que, mesmo em vida, fazia questão de sublinhar sua espectralidade (como vemos em sua aparição cinematográfica em *Ghost Dance* ou no documentário *D'ailleurs*, de Saffa Fathy), Derrida passou a habitar essa legião de mortos-vivos que é a tradição filosófica, e naquele momento, de partida consciente e de assinatura de testamento, ele nos legava com suas últimas palavras a tarefa da sobrevivência: “sobreviver em sentido corrente quer dizer continuar a viver”, dizia ele, “mas também viver *depois* da morte” (DERRIDA, 2005, p. 26). E tal noção de sobrevida parece ecoar a lição de a-deus que Lévinas o ensinara: para Lévinas, a morte do outro, contra a narcisista relação a si do ser-para-a-morte de Heidegger, me inaugura como sujeito ético, me convoca a assumir a responsabilidade frente ao outro – e parece que foi justamente Derrida o primeiro a levar a sério e sentir filosoficamente na pele ao que essa lição de uma outra ética conduz, quando ele se dedica a dar prosseguimento a essa noção de “adeus” indicada nos cursos de Lévinas na Sorbonne. Este termo simples e cotidiano, o adeus, como a maioria de nós já deve saber, comporta, em Lévinas e sob a rubrica de Derrida, três sentidos: 1. Saudação dada tanto no momento de encontro como no de separação, portanto, ‘oi’ e ‘tchau’ ao mesmo tempo; 2. Saudação dada no momento de uma separação sem volta, como na morte; 3. O a-deus, “o para Deus ou diante de Deus antes de tudo e em toda relação ao outro, em todo outro adeus. Toda relação ao outro seria, antes e depois de tudo, um adeus”. Assim, pode-se perceber que a relação com o outro se dá sempre sob a feição do adeus, fato que Husserl já vislumbrara em sua *Quinta Meditação Cartesiana* e que radicalizada em Lévinas, sob a feição do infinito, a distância dissimétrica que separa eu e outro, chega disseminada em Derrida para toda e qualquer alteridade (DERRIDA, 2004, p. 15).

No entanto, tendo isso em mente, retorno à questão que ora me guia: como aprender a dizer adeus, se dizer adeus, nesse duplo sentido, seria sempre saudar e despedir-se? Essa concepção de adeus que o texto derridiano nos oferece, tomada de Lévinas e a ele retornada, mostra que no adeus não há a quem responsabilizar senão nós mesmos, já que o outro não está mais lá e nunca lá esteve, na medida em que sua presença a si (bem como nossa presença a nós mesmo) articula-se sempre sob a ótica do espectro. Nessa

presença a si sempre barrada, aporética, toda saudação de chegada sempre significou também uma despedida, pois o estatuto do outro, deste outro mais que outro, sempre emerge para além do ser, sempre passado e sempre futuro – nunca no presente, nunca presente.

A despedida de Derrida a seu amigo Lévinas, lida em seu sepultamento no cemitério de Pantin, e que pode ser dirigida hoje ao próprio Derrida, é uma metáfora para toda relação com a alteridade, e o cemitério onde Derrida se atravessou por suas palavras com os olhos marejados – e, quase dez anos depois, coube a seu filho Pierre a tarefa de se encarregar da despedida do pai –, ou seja, todo e qualquer cemitério, em sua soberana melancolia e majestosa mesura, com suas monumentais lembranças e crípticas escrituras, pode ser pensado como o palco de todas as nossas relações – um retorno ao assombramento mesmo.

Se o outro sempre esteve ausente em sua plenitude, de certa maneira ele sempre já se foi, o que apenas realça a infinita responsabilidade que nos resta a assumir. O outro sempre nos deixa a palavra, e ainda que emudecidos, com a garganta embolada pelo pavor da perda e com lágrimas nos olhos, somos chamados a comparecer, a falar e a assinar por todos aqueles que não estão mais entre nós – enfim, *por todos os outros*. E se Lévinas sempre estivera consciente dessa responsabilidade, como por exemplo quando parafraseou Dostoievski dizendo que “todos somos responsáveis e eu mais do que todos” (LÉVINAS, 2000, p. 93), o que Derrida nos mostra em seu adeus é que tal responsabilidade, com sua morte, aliás, com a morte deles, chega-nos como herança, como uma responsabilidade que herdamos de vivente para vivente, ou melhor, de sobrevivente para sobrevivente, tendo em vista os espectros, sem remorso nem culpa e da ordem do “sim incondicional” (DERRIDA, 2004, p. 17). Frente a uma responsabilidade como esta, resta-nos apenas dizer sim. E, mais ainda, dizer sim ao sim.

*

E quanto à fórmula “aprender a dizer adeus”? Parece-me que até agora muito disse e nada falei, diriam os maldosos críticos ou os ingênuos leitores... Mas a questão é: será que há *algo* a se dizer? Se houver, como se falar sobre isso?

“Não”, eu poderia responder de modo direto. Se isso fosse possível, nós não estaríamos nunca jogados na angústia de não aprendermos a dizer adeus, pois bastaria uma hipótese a ser comprovada para que todo espanto se dissipasse e, num axioma, o absurdo fosse dizível... Por isso, para apenas me guiar ao fim de meu texto, sem esperar dele alguma conclusão ou fechamento, *interrompendo-o* de modo abrupto, gostaria de retornar ao movimento de adeus à luz dos *Carneiros* de Derrida, o retrato de seu diálogo interrompido com Gadamer, que reflete a interrupção mesma de todo diálogo e que nos permite pensar o elemento abissal da interrupção. Eu cito: “a sobrevivência porta em si o rastro de uma inapagável incisão. A interrupção multiplica-se, uma interrupção afeta a outra, uma interrupção em abismo, mais *unheimlich* do que nunca” (DERRIDA, 2008, p. 14). E nesse momento, quando Derrida fala disso que chama de uma “certeza melancólica” (DERRIDA, 2008, p. 16) desse cogito do sem-retorno, ele faz lembrar que desde o primeiro contato entre duas pessoas, “a interrupção vai ao encontro da morte, precede-a, enluta cada um com um implacável futuro anterior” (DERRIDA, 2008, p. 16). Tal tempo verbal, que é o tempo da desconstrução, aparece precisamente exposto por Fernando Bernardo em sua nota de tradução: “significa o por-vir da *différance* – da “posterioridade do anterior”, do passado absoluto ou imemorial (...). É este tempo antes do tempo do mundo, pré-cronológico portanto, e anacrônico, o tempo *do* outro ou *do* evento, que está na origem do *rastro* como desvio diferencial ou in-finita disjunção. E portanto da interrupção da relação de acolhimento do outro *como outro*” (DERRIDA, 2008, p. 16).

Sim, apesar de nunca se aprender a dizer adeus, o gesto de dizer adeus é infinito, pois o encontro de dois entes é desde sempre marcado pelo fato de que, um dia, algum dos dois deverá ficar só, sobreviver, persistir, portanto, na memória – na memória de um mundo que rui, que se esvai como um todo, com a interrupção abrupta do sem-resposta. *Béliers* e *Chaque fois unique – la fin du monde* ecoam o espanto diante do sucumbir da totalidade do mundo com a falta do outro – a cada vez única, portanto radicalmente singular, e irreversível, a morte representa o fim do mundo. E, incapaz de reproduzir a beleza do trecho de seus *Carneiros*, prefiro citá-lo, ainda que longamente:

E, diria eu, sem a facilidade de uma hipérbole, o mundo do outro.
O mundo depois do fim do mundo. Porque de cada vez, e de cada

vez singularmente, de cada vez insubstituivelmente, de cada vez infinitamente, a morte não é nada menos que um fim *do* mundo. Não *somente um fim* entre outros, o fim de alguém ou de alguma coisa *no mundo*, o fim de uma vida ou de um vivente. A morte não põe um termo a alguém no mundo, nem a *um* mundo entre outros, ela marca de cada vez, de cada vez no desafio da aritmética, o fim absoluto do único e mesmo mundo, do que cada um abre como um só e mesmo mundo, o fim do único mundo, o fim da totalidade do que é ou pode apresentar-se como a origem do mundo para um determinado e único vivente – seja ele humano ou não. O sobrevivente fica então sozinho. Para além do mundo do outro, ele está de certo modo para além ou aquém do próprio mundo. No mundo fora do mundo e privado de mundo. E sente-se pelo menos o único responsável, obrigado a portar o outro e o *seu* mundo, o outro *e* o mundo desaparecidos, responsável sem mundo, sem o solo de nenhum mundo, como sem terra para além do fim do mundo (DERRIDA, 2008, p. 16-17).

*

Mas e quanto ao aprender? No que diz respeito ao viver, Derrida afirma que isso nunca se aprende. Aliás, diz que sobre essa sabedoria permaneceu ineducável. “Ainda não aprendi ou adquiri nada a tal respeito” (DERRIDA, 2005, p. 25), diz ele na já mencionada entrevista. E também eu, diante da maior perda que já experienciei e apesar de ter toda minha vida acadêmica marcada por uma constante reflexão sobre o adeus, devo dizer o mesmo: não, eu não aprendi a dizer adeus. E, se a canção diz que não sabemos se vamos nos acostumar, eu afirmo: nunca nos acostumaremos, pois não há costume diante do fim do mundo. Despedaçados, apátridas, vagantes, mendigos de mundo, caminhamos à sombra, tateando no escuro como sobreviventes de um apocalipse. Contudo, no imo da dor é preciso se engajar: “Não aprendi a aceitá-la, à morte, somos todos sobreviventes condenados à morte” (DERRIDA, 2005, p. 24), sim, mas ao mesmo tempo

somos estruturalmente sobreviventes, marcados pela estrutura do rastro, do testamento. Mas, dito isso, não queria dar curso à interpretação segundo a qual a sobrevivência está mais do lado da morte, do

passado, do que da vida e do porvir. Não, a desconstrução está, todo o tempo, do lado do *sim*, da afirmação da vida. Tudo quanto digo (...) da sobrevida como complicação da oposição vida / morte, procede em mim de uma afirmação incondicional da vida. A sobrevivência é a vida para além da vida, a vida mais do que a vida, e o discurso que eu mantenho não é mortífero, pelo contrário, é a afirmação de um vivente que prefere a vida e, portanto, o sobreviver à morte, porque a sobrevida não é apenas o que resta, é a vida mais intensa possível (DERRIDA, 2005, p. 55-56).

Talvez assim possamos entender as palavras finais de Derrida: “Prefiram sempre a vida e afirmem sem cessar a sobrevida”. Preferir sempre a vida, preferir o lado do *sim* e da afirmação, e, contudo, só o que podemos afirmar é a sobrevida, a condição crepuscular de sobreviventes diante do mundo em ruínas; a insistência em tentar a cada vez, singularmente, aprender a dizer *adeus* – e guardar para nós a tão paradigmática experiência do chamamos “saudade”, isso que minha mãe, em seu ceticismo desesperado, segurando minha mão e com a voz trêmula, disse que achava que sentiria *mesmo depois da morte*. Mas para mim, sobrevivente, mas não menos desesperado, essa é a única certeza que me resta, aquela melancólica à qual Derrida se referiu: coube a ela a força de achar que sentiria saudades, cabe a mim, em quem ficou a marca daquele olhar, senti-la, e tentar arduamente, a cada vez, a cada pausa, a cada turvar da vista, a cada engolir seco, me esforçar em aprender a dizer – *adeus*.

Referências

BORRADORI, G. *Filosofia em tempos de terror: diálogos com Habermas e Derrida*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2004.

DERRIDA, J. *Adeus a Emmanuel Lévinas*. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Perspectiva. 2004.

_____. *Aprender finalmente a viver*. Tradução de Fernanda Bernardo. Coimbra: Ariadne Editora, 2005.

_____. *Carneiros: o diálogo ininterrupto: entre dois infinitos, o poema*. Tradução de Fernanda Bernardo. Coimbra: Palimage, 2008.

_____. *Espectros de Marx: o Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

_____. *Força de lei: o “fundamento místico da autoridade”*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Gramatologia*. Tradução de Renato Janine Ribeiro e Miriam Ch-naiderman. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. *Limited Inc*. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1991a.

_____. *Margens da filosofia*. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991b.

_____. *Monolinguismo do outro: ou a prótese de origem*. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.

HABERMAS, J. A presença de Derrida. Publicado no Caderno Mais!, do jornal Folha de São Paulo, 18/10/2004, Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/idea/index.php?module=Artigos&func=display&pageid=11>>. Acesso em: 25 Jan. 2015.

HABERMAS, J. *Discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes: 2002, Cap. VII, págs. 227-296.

LÉVINAS, E. *Ética e infinito*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2000.

Data de registro: 14/04/2015

Data de aceite: 22/04/2015